

## Moçambique, duas visões: a representação da guerra e de seus desdobramentos.

Lisângela Daniele Peruzzo<sup>1</sup>

RESUMO: O texto analisa alguns aspectos de dois romances moçambicanos, *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane e *O último voo do Flamingo*, de Mia Couto. A aproximação se fará em torno dos personagens e das representações da guerra.

ABSTRACT: This essay analyses some aspects of two Mozambican novels, *Ventos do Apocalipse* of Paulina Chiziane and *O último voo do flamingo* of Mia Couto. The approach will be around of characters and of the war's representations.

PALAVRAS-CHAVE: Paulina Chiziane, Mia Couto, Guerra, Literatura, Moçambique.

KEY-WORDS: Paulina Chiziane, Mia Couto, war, literature, Mozambique.

A independência nem sempre trouxe a tão sonhada harmonia com o mundo para as nações vítimas da colonização. Esse foi o caso de Moçambique que, independente em 1975, depois de anos de dominação portuguesa, entra em uma guerra civil movida por interesses internos e externos quase nunca claros à maior parte da população. Causas para a guerra que assolou o país por quase dezesseis anos foram encontradas por muitos, principalmente estrangeiros que pouco, ou quase nada, sabiam das reais necessidades daquele povo, de seus anseios e das seqüelas que a guerra deixou naquela sociedade.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo –USP. **Pesquisa:** A representação da guerra nas obras de Mia Couto e Érico Veríssimo.  
e-mail: liperuzzo@uol.com.br

Perante essa percepção, procuramos ouvir as histórias daqueles que por ela passaram e que mais diretamente com ela envolveram-se. O nosso campo de estudo, a arte literária, faz com que nos debruçemos sobre textos e os que escolhemos para esse trabalho são de autoria de contadores de história moçambicanos, que ganharam o mar da literatura e, pouco a pouco, vêm-se fazendo conhecidos internacionalmente, Mia Couto e Paulina Chiziane. Ele, descendente de portugueses, cedo se engaja nas causas revolucionárias, e, hoje, faz da palavra sua maior arma de combate. Ela, de origem chope, só na adolescência entra em contato com os brancos e com a língua portuguesa, da qual se apropriou como forma de levar a público o diversificado universo em que se insere. À parte, suas diferenças de origem, ambos os escritores travam um combate com as memórias de um país que, assolado pela guerra, quer encontrar sua identidade. Os autores deixam claro em seus trabalhos, no entanto, que sabem que esta é marcada pela pluralidade de línguas, de costumes, de religiões.

Esse emaranhado cultural, a guerra e suas conseqüências, elementos que formaram aquilo que hoje se conhece por Moçambique, são ficcionalizados nos dois romances que analisaremos brevemente neste trabalho, *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane e *O último vôo do flamingo*, de Mia Couto. O primeiro livro centra-se na guerra civil moçambicana que se iniciou logo após a independência e só teve fim com o acordo Roma, em 1992<sup>2</sup>. O segundo fala do período inicial do pós-guerra, quando as Nações Unidas são enviadas a Moçambique para assegurarem a paz.

---

<sup>2</sup> Moçambique empenhou-se na edificação do seu processo de democratização, através do acordo de paz firmado em 1992. As primeiras eleições multipartidárias realizadas em 1994 não só marcaram formalmente o fim da guerra civil, como constituíram, igualmente, o passo inicial no caminho tortuoso rumo a uma estabilidade política e à implementação de estruturas democráticas.

Aproximaremos os dois textos, não pelos momentos históricos relatados, mas pelo papel desempenhado nas duas obras pelos personagens representativos das margens da sociedade moçambicana. Nesse sentido, as duas obras mostram-nos um elenco de personagens que desfilam suas dores particulares, seja por intermédio da recriação literária do espaço real da aldeia de Mananga e depois da aldeia do Monte, seja pelo espaço imaginário de Tizangara.

### **1. O apocalipse**

O livro de Paulina nos remete aos horrores da guerra já pelo título, o qual fazendo uma intersecção com o universo cristão nos remete às escrituras bíblicas e ao livro atribuído ao apóstolo João, no qual ele descreve a “revelação” divina dos últimos tempos antes da retomada da terra por Jesus Cristo.

Esse caráter de revelação é mantido pela escritora ao deixar transparecer literariamente ao mundo os horrores da guerra em um país subdesenvolvido e esquecido pela maioria dos povos. A autora, à maneira dos velhos contadores de história de sua terra, nos chama a ouvir as vozes que emergem da memória recente de seu país. “Escutai os lamentos que me saem da alma. (...) Quero contar-vos histórias antigas, do presente e do futuro porque tenho todas as idades e ainda sou mais novo que todos os filhos e netos que não-de nascer. (...) KARINGANA WA KARINGANA”. (CHIZIANE, 1999, p.15). O livro, embora um elemento moderno, obedece a uma estrutura tradicional: são convidados os ouvintes, são utilizados provérbios e pequenos contos como elementos introdutórios ou epígrafes dos temas tratados nas duas partes que compõem o romance.

Na primeira parte observaremos as provações passadas pelas personagens devido à guerra e à seca, a chegada dos acordos locais e a devastação da população de Mananga em um ataque surpresa à vila. A narrativa está centrada no antigo líder local, Sianga, que não hesitará em enganar o povo para conseguir seu poder novamente.

Chamam-nos a atenção aqui as figuras de Minosse e Wusheni, respectivamente esposa e filha do régulo, as quais observam a guerra com olhos femininos. A primeira, última mulher em uma sociedade polígama, nunca teve para si a atenção do marido; a segunda luta contra a ordem social para estar ao lado do homem que amava e fugir às imposições do pai que buscava beneficiar-se com seu lobolo<sup>3</sup>.

Se a guerra oprime os homens forçando-os aos campos de batalha, praticamente destrói as mulheres por serem elas duplamente atingidas: quando seus maridos, filhos e netos vão para a guerra e quando elas próprias são vítimas da covardia dos invasores. Wusheni, grávida, vai ser morta pelo próprio irmão durante a invasão da aldeia. Minosse sofre ao perder sua família e, após a condenação de Sianga, segue como um fantasma em direção à aldeia do Monte. Será ela o laço que unirá as partes do romance e também, como indica seu próprio nome, uma marca da união do mundo dos vivos e dos mortos.

Essa marca não se dá apenas na cultura ocidental<sup>4</sup>, como também e, sobretudo, na africana, em que os vivos e mortos comunicam-se através da figura dos mais velhos. Nessa cultura, a morte não é um estágio de término de existência, mas apenas uma transformação. Os antepassados não estão desligados do presente, são a todo momento convocados para ajudar nas decisões do presente e seu poder perante o grupo não deve ser contestado.

---

<sup>3</sup> Pagamento feito pelo noivo à família da mulher quando da realização do casamento em várias etnias moçambicanas.

<sup>4</sup> O nome Minosse pode ter origem no rei Minos, que teria mandado construir um labirinto para o enteado, o Minotauro. Segundo a mitologia, Minos desceu ao mundo subterrâneo depois de sua morte, e tornou-se um dos juizes dos mortos. Na *Divina Comédia*, de Dante, Minos é quem ouve as confissões dos mortos, atribuindo a pena de desígnio do círculo infernal que corresponda à gravidade da falta relatada. Percebe-se, assim, uma referência à tradição ocidental que se entrecruza ao percurso de Minosse, em seu nome e em sua relação com a morte, que aqui passa a ser um elemento transformador e libertador.

Na travessia de vinte e um dias pelo mato em busca da aldeia do Monte, os sobreviventes de Mananga têm que superar o que de humano há em si, igualar-se praticamente a animais, para resistir às intempéries que lhes aparecem no caminho. Há uma outra guerra sendo travada dentro de cada um dos caminantes, a luta entre a sobrevivência em sentido real e a sobrevivência do humano. Alguns não resistem a esse confronto e sucumbem frente ao inimigo, às feras da selva, às doenças; outros, como Minosse, trancafiam-se na loucura e assim permanecem até que um bom motivo lhes seja dado para desejar viver novamente. O encontro, na aldeia do Monte, entre Minosse e um garoto órfão, que logo lhe apresenta Sara e seus irmãos, traz a anciã novamente à lucidez.

Mais uma vez coloca-se a questão da ancestralidade que une as gerações. Minosse protege e ensina as crianças, enquanto essas lhe dão o sopro de vida de que ela necessita. Notamos que o romance traz o mais velho como figura ordenadora do grupo, pois detém em si as tradições que devem ser passadas para as gerações futuras. Na história, esse momento de encontro é de florescimento e paz, já que é nele que as pessoas podem reviver uma estrutura social desmantelada pela guerra.

Momentos de paz são compartilhados aqui, mas, como uma profetisa, a autora não nos deixa essa possibilidade. Ela sabe que a guerra está muito mais entranhada no ser humano do que as batalhas podem mostrar. A cena final de *Ventos do Apocalipse* é o grito de desespero de uma moçambicana que acompanhou a guerra de perto e, como os personagens que cria, sente-se desolada perante as imagens que povoam sua memória:

O povo desorientado tenta olhar para o Sol. Outro grito, desta vez de adulto, se ouve no lado contrário ao do riacho. Um grito aflitivo. Arrepiante. Um grito apenas, seguido de um silêncio total. (...)

De todos os lados surgem homens trajados de verde camuflado, de armas em punho ostentando nos rostos o sorriso da morte. Ouve-se um violento estrondo acompanhado de uma saraivada de balas que se abatem sobre as cabeças que dispersam procurando abrigo.

Armagedon, Armagedon, grita o padre em corrida, transportando um fardo pesado. Leva a Emelina nos braços e o bebê nas costas dela, numa tentativa desesperada de salvar a louca que ainda se ri. As fezes correm e borram a batina de cetim branco e o padre corre como um louco. Cai. Levanta-se. Cambaleia. Volta a correr. E borra-se de fezes, de urina e de sangue, a bala acertou em Emelina pelas costas, perfurando a mãe e o filho. O padre corre, cai e corre. Emelina já não se ri, delira, agita-se na última agonia. O padre sente uma forte vertigem, cai e descansa, o roquete de bazuca decepou-lhe a cabeça loira. (...)  
E a aldeia do Monte recebe seu baptismo de fogo. (CHIZIANE, 1999, pp. 274-275)

Esse trecho nos revela o desencanto e a visão de que nada ou pouco pode ser feito diante de tanta destruição. Ao escrever usando referências da cultura ocidental, podemos supor que a autora esteja buscando um estreitamento de laços. Utiliza-se daquilo que já nos é conhecido como forma de nos apresentar um universo distinto. Não lhe interessa o exotismo, mas sim a realidade, por mais cruel que esta possa parecer.

A literatura de Paulina, ao tratar de um tema tão árido como a guerra, não deixa espaço para amenizações, retrata com maestria a cultura de seu povo e o desordenamento causado por uma guerra em que alguns se beneficiaram e muitos sofreram o seu apocalipse.

## **2. O vôo**

O texto de Mia Couto foi inspirado em uma tradição do sul de Moçambique, onde os flamingos são os eternos anunciadores de esperança. O autor, no entanto, nos coloca na vereda do medo, ao apresentar-nos no título a possibilidade de poder haver um “último vôo”. O tom é de incerteza. O nosso olhar não se afasta muito da guerra. Embora, o tempo da narrativa seja o pós-guerra, os personagens do livro defrontam-se com uma forma talvez pior de guerra, aquela disfarçada, em que não se sabe quem é realmente o inimigo. O romance é composto pela narrativa do tradutor de Tizangara e por cartas entre as esferas do poder. O narrador, personagem fronteiro, não nomeado, é designado pelas autoridades locais para acompanhar, na função de tradutor, um italiano a serviço das Nações Unidas. Este, Massimo Risi,

não precisa que lhe traduzam a língua portuguesa, mas as tradições locais com as quais ele obrigatoriamente entra em contato ao tentar desvendar as mortes explosivas de soldados da ONU. “Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que não entendo é este mundo daqui.” (COUTO, 2005, p.40)

O jogo literário estabelecido pelo escritor consciente do seu papel<sup>5</sup> de levar ao mundo o conhecimento de seu país coloca o leitor não-africano na mesma posição que o italiano e, assim, adentramos um mundo que não nos pertence e do qual pouco sabemos. Somos convidados pelo narrador ao final de seu “prefácio” a encontrar respostas, a entendermos um mundo diverso, nem melhor, nem pior, apenas diferente.

Nessa obra também são ficcionalizadas situações de corrupção política e falta de interesse pela sociedade e suas carências. O administrador local, Estevão Jonas, e sua esposa, dona Ermelinda, são representantes de um grupo que está no poder, mas que esqueceu suas origens revolucionárias e, agora, aproveita-se da situação para poder tirar proveito pessoal, mesmo que isso signifique a miséria da população.

Nesse percurso em que o italiano busca saber a verdade sobre as explosões e nós vamos descobrindo mais sobre os seres humanos, encontramos mais uma vez mulheres que se tornam representativas das fronteiras da sociedade moçambicana. Elas compõem um mural das tradições e crenças do povo da região que, muitas vezes, se embate com o olhar quase que uniformizador do ocidental.

---

<sup>5</sup> Mia Couto fala sobre esse papel na entrega do Prêmio Mário António da Fundação Calouste Gulbenkian, em 12 de junho de 2001:

“O último voo do flamingo fala de uma perversa fabricação de ausência – a falta de uma terra toda inteira, um imenso rapto de esperança praticado pela ganância dos poderosos. O avanço desses comedores de nações obriga-nos a nós, escritores, a um crescente empenho moral. Contra a indecência dos que enriquecem à custa de tudo e de todos, contra os que têm as mãos manchadas de sangue, contra a mentira, o crime e o medo, contra tudo isso se deve erguer a palavra dos escritores.

Esse compromisso para com minha terra e o meu tempo guiou não apenas este livro como os romances anteriores. Em todos eles me confrontei com os mesmos demônios e entendi inventar o mesmo território de afecto, onde seja possível refazer crenças e reparar o rasgão do luto em nossas vidas.”

Ana Deusqueira, a prostituta, que chega ao lugar após a guerra, representa as mudanças nos valores da sociedade, uma vez que é mostrada às autoridades como uma marca do “avanço” e da “modernização” do lugar. Temporina, a velha-moça, por sua vez, metaforiza os costumes e as crenças que acompanham a sociedade. Traz em si o velho e o novo, o real e o mágico e, como Moçambique, é capaz de seduzir pelas promessas do corpo, mas assusta pela carga de tradições que traz estampada no rosto. Por fim, a falecida mãe do narrador, aquela que recebera o castigo de não poder visualizar o único filho, é a que traz a tradição oral para o jovem narrador através de uma história - do flamingo e de seu último vôo - a qual ele lhe pede que repita ao encontrarem-se no mato algum tempo após a morte dela.

A cena final de *O último voo do flamingo* nos remete a um universo de esperança, de encontro entre os homens, em que real e mágico fundem-se, abrindo horizontes possíveis, apesar das injustiças dos homens:

- O que vamos fazer? – perguntei.

- Vamos esperar.

A voz dele era calma, como se vinda de antiga sabedoria.

- Esperar por quem?

- Esperar por outro barco – e, após uma pausa, se corrigiu: - Esperar por outro flamingo. Há-de vir um outro.

Ele puxou da folha do relatório que acabara de redigir para as Nações Unidas. Fazia o quê? Dobrava e cruzava as dobras. Fazia um pássaro de papel. Esmerou no acabamento, e depois levantou-se e o lançou sobre o abismo. O papel rodopiou no ar e planou, pairando quase fluvialmente sobre a ausência de chão. Foi descendo lento, como se temesse o destino das profundezas.

Massimo sorria, em rito de infância. Me sentei, a seu lado. Pela primeira vez, senti o italiano como um irmão nascido na mesma terra. Ele me olhou, parecendo me ler por dentro, adivinhando meus receios.

- Há-de vir um outro – repetiu.

Aceitei a sua palavra como de um mais velho. (...) Até que escutei a canção de minha mãe, essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o sol do outro lado do mundo. (COUTO, 2005, p.220)

Nessa última passagem, percebemos alguns temas que se ligam a questões tradicionais moçambicanas. Primeiramente, a questão



da oratura que é retomada à medida que Massimo desiste de seus relatórios e transforma suas últimas anotações em um pássaro, ou seja, rende-se às formas primeiras de comunicação, tão caras aos povos africanos. Em segundo lugar, a crença nas tradições: a mãe do tradutor havia lhe contado a lenda dos flamingos e nessa cena ambos os personagens, mesmo transitando entre o mundo real e o imaginário, mostram-se inclinados a crer que ela é verdadeira, enxergando nela a metáfora de uma nova nação. Por fim, a questão do mais velho ficcionalizada na postura do tradutor, que tantas vezes questionara as atitudes do estrangeiro. Ao aceitar a palavra de Massimo “como a de um mais velho”, ou seja, como se faz nas culturas locais, já que o mais velho é portador do conhecimento e tem uma ligação especial com os antepassados, o narrador mostra um certo respeito às tradições e aos costumes de sua gente.

Assim, Couto nos mostra um mundo corrompido, mas não fecha as portas da esperança para nós. Moçambique pode se reinventar, encontrar um lugar em que a tradição e a modernidade possam conviver com respeito às diversidades inerentes a todos os seres humanos.

Percebemos, então, uma conformação entre Ventos do apocalipse e O último voo do flamingo, já que ambas as obras nos mostram um mesmo país assolado por problemas que vieram de uma história de colonização, da guerra pela independência, da guerra civil e da guerra de interesses pós-acordo de paz. Mostram-nos um país que quer se descobrir e que avança para isso, mas que pode fazê-lo através de recursos diversos. As literaturas de Paulina Chiziane, mais dura na forma de expressar a realidade, e a de Mia Couto, mais suave, esperançosa, embora não menos crítica, encontram-se no caráter contundente frente a seu objeto de representação, nos mostram que ainda é possível narrar e obter frutos em um tempo em que histórias parecem não mais importar. Vinde todos e ouvi: *Karingana Wa Karingana*

## Referências bibliográficas

- CHIZIANE, Paulina. *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Caminho, 1999.  
COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.